

Curiaú, a vila de ex-escravos que sobrevive no Amapá

Depois de quase 200 anos de isolamento, o refúgio de negros fugitivos transformou-se em Área de Proteção Ambiental e é cobiçado por especuladores e turistas, atraídos pela beleza e riqueza da região. Os seus 1.500 habitantes ainda mantêm antigas tradições, mas a nova geração dá sinais de ruptura com o passado

“O primeiro negro que chegou aqui veio atrás de mel. Subiu numa árvore... não era assim limpo, era tudo fechado, mundrongo (feito)... aí viu o lago e voltou pra contar pro sinhô que tinha achado um lugar bom de criá ú. E assim é o nome original mesmo, criá ú. Quer dizer que ele achou um lugar bom de criar gado. Ú, porque imitava o berro dos bois... Hoje, quando uma pessoa mais velha chama de Criá ú, tem gente que acha errado, mas não é...”

Assim José Antônio da Silva, 53 anos, vice-presidente da Associação de Moradores do Curiaú, começa a contar a história do antigo quilombo, que permaneceu isolado de Macapá por quase 200 anos e agora já é quase um bairro na periferia da capital do Amapá. O Curiaú é uma Área de Proteção Ambiental, APA, de 23 mil hectares, onde vivem cerca de 1.500 habitantes, todos descen-

dentes de escravos. “Eram fugitivos, vinham igarapé abaixo se mocambar (esconder). Até hoje tem o lugar do mocambo, perto do rio. As primeiras três famílias moravam juntas, na casa grande. Aí foram chegando mais famílias... Depois que apaziguou, todos ficaram aqui”.

Alguns moram no Curiaú de Dentro, outros no Curiaú de Fora. Nenhum tem título ou posse da terra e não existem divisas entre os vizinhos. As cercas entre os quintais servem apenas para separar o gado das hortas e roças. Quem quiser ir embora, pode levar a madeira e os móveis da casa em que mora, mas não pode vender ou trocar o terreno. Quem é branco e vem de fora não pode morar ali, uma regra acertada “de boca” que até agora segurou a forte pressão dos turistas e especuladores interessados em transformar as margens do Lago Curiaú em balneário.

“Por mais de 200 anos não tinha estrada nem ramal, era só caminho... A gente saía às 5h da madrugada para vender farinha de mandioca e banana e chegava a Macapá lá pras 8h, atravessando as pontes de meritizeiro... Agora não, tem estrada, bicicleta...”

A autonomia da comunidade negra do Curiaú mudou muito com a estrada de 8 km para Macapá. Antes eles iam à cidade apenas para comprar o sal e alguns produtos que não conseguiam extrair da mata ou plantar. Agora, as crianças estudam nas escolas da capital, os jovens trabalham lá e alguns se mudaram. E começaram a haver casamentos com gente da cidade.

“Quando a gente trabalhava na várzea, dava muita produção. Todo verão juntava dois ou três vizinhos e abria uma roça diferente. Era rápido de acabar a mata, não dava doença, a gente não gostava de estar na capoeira. Depois, a população aumentou, não tem mais mata para abrir e tem que ficar na capoeira. Deu uma doença na bananeira, o Moko, e ela não produz nada, apodrece por dentro”.

Os peixes do lago também estão mais ariscos e a caça agora é proibida. De noite, os habitantes do Curiaú às vezes ouvem tiros

de caçadores, vêem os faróis dos carros. Na manhã seguinte, encontram os restos na beira do lago. “O pessoal joga tarrafa e larga os peixes pequenos na terra. Além de estar errado, se a gente vai lá proibir... Deus o livre! Às vezes tem de chamar a polícia...”

Apesar dos peixes cada vez mais raros e da agricultura menos abundante, algumas tradições permanecem. As ladainhas ainda são rezadas em latim nas quatro festas religiosas do ano: São Sebastião, em janeiro; Santa Maria, em maio; São Joaquim, em agosto, e Nossa Senhora da Conceição, em dezembro. O latim convive com o marabaixo na festa de São Joaquim e com o batuque nas outras três festas. O som africano sai de tambores e pandeiros, feitos com madeira de cacauero e pele de cobra surijiu, e o canto enquadra pedaços da própria história. Os turistas, primeiro, vinham só olhar.

Agora já participam das festas.

As grávidas continuam procurando Dona Rocilda Joaquina da Silva, 64 anos, para “puxar” os bebês (fazer massagem para a criança virar no ventre). Mas já não avisam quando está na hora do parto. Parteira da comunidade, ela trouxe ao mundo uma centena de bebês, sem perder nenhum nos seus 40 anos de profissão. Ela mesma teve 13 filhos, 11 criados, mas só fez o parto da filha mais velha. As outras seis preferiram os médicos, na contramão do movimento estadual para a aceitação das parteiras nas maternidades do Amapá.

Assim, aos poucos, na mudança das gerações, o Curiaú vai perdendo a cor. O verde em torno do lago já não é de floresta cerrada. E o negro na pele começa a branquear devagar. A vida é mais segura, sem os insetos, escorpiões e cobras que antes infestavam os telhados de palha. Mas o calor

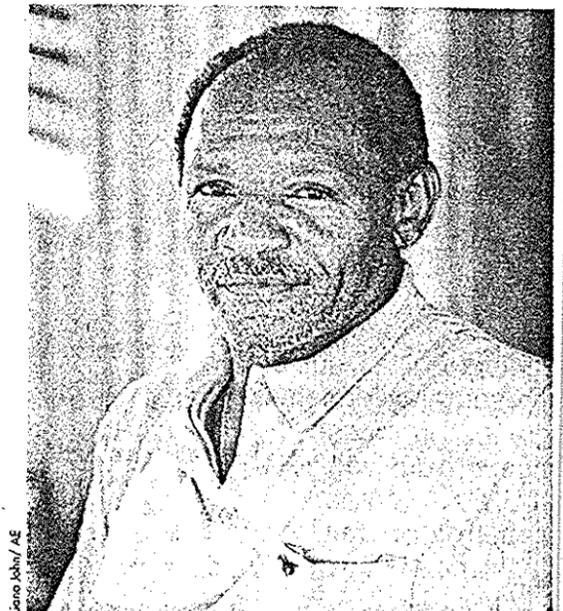
nas casas de madeira ou alvenaria, sob telhados de amianto, certamente turva a idéia certa de futuro, que os antigos tinham.

A esperança ainda é o imenso valor ambiental do lugar. Além de florestas e campos de várzea, o Curiaú abriga uma grande diversidade de espécies, em um dos únicos cerrados da linha do Equador com as mesmas espécies do Brasil Central. As mesmas aves que sofrem em torno de Brasília com as queimadas cantam tranquilas lá no Amapá, a quilômetros de distância, com uma floresta, muitos rios e a foz do Amazonas servindo de barreira no meio. Se souberem aproveitar a riqueza desta rara composição ecológica para um ecoturismo bem planejado, os descendentes de escravos do Curiaú continuarão escrevendo uma história única e exemplar.

Liana John/AE



ROCILDA DA SILVA, a parteira da comunidade

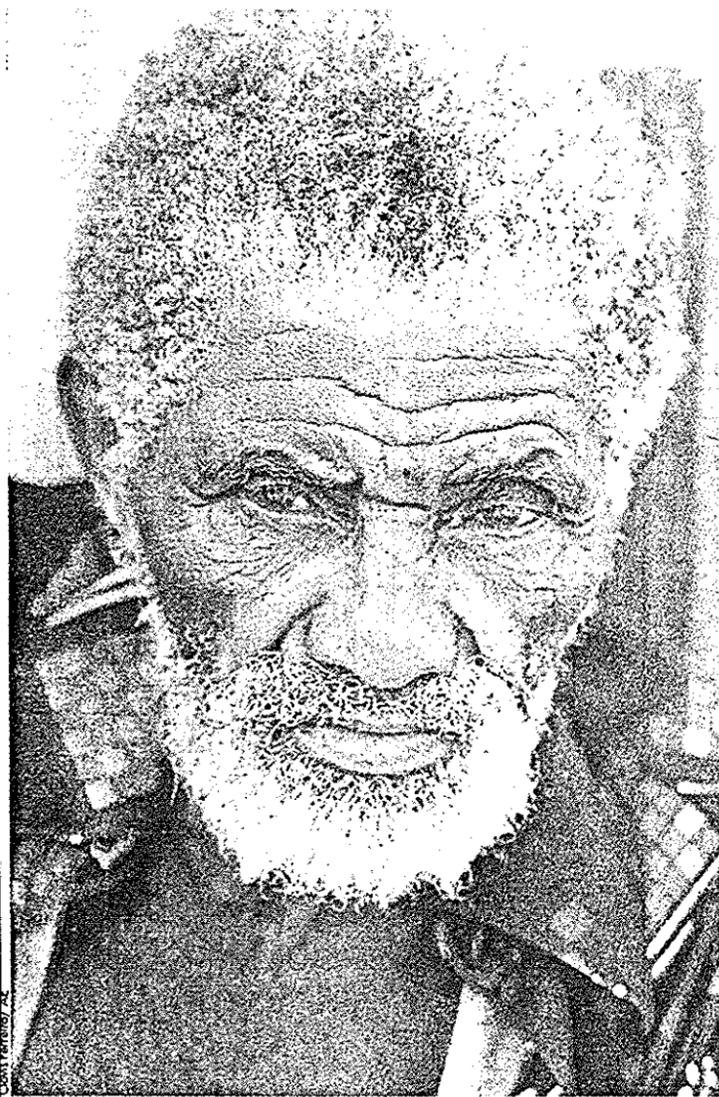


JOSÉ ANTÔNIO, da Associação de Moradores

JT
3/10/99 Pg. 3D
107

Forma da Fina
Domingo, 3 de outubro de 1999

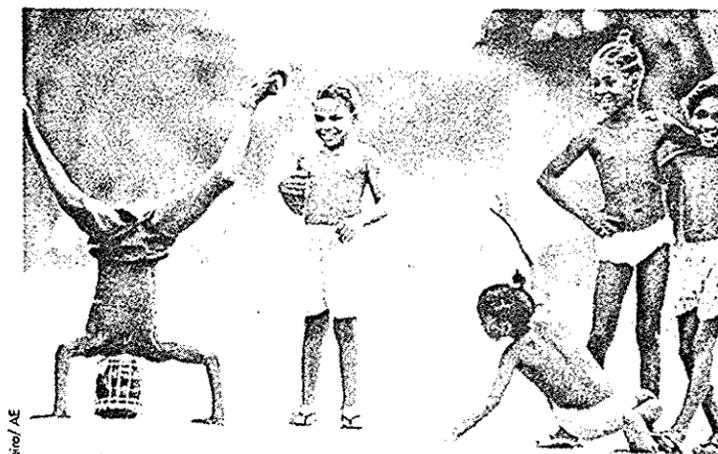
Domingo 3D



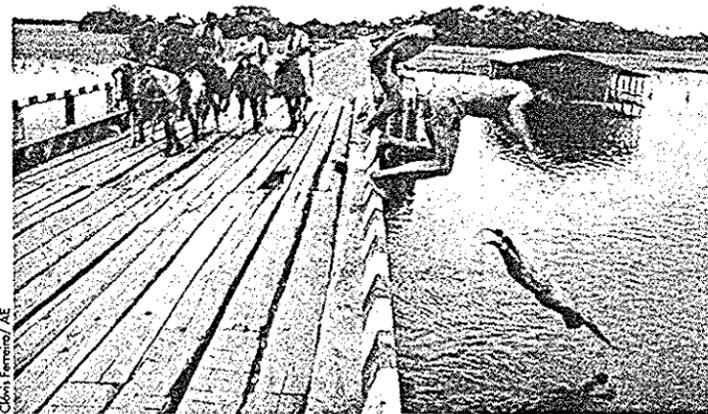
OS DESCENDENTES de escravos mantêm vivos os velhos costumes



A AGRICULTURA está menos abundante, mas sobrevive



AS CRIANÇAS do Curiaú agora estudam nas escolas da capital



O LAGO CURIAÚ atrai especuladores que querem criar um balneário



A nova geração da comunidade de ex-escravos começa a perder suas características, como resultado da miscigenação

O isolamento de dois séculos terminou, e hoje Curiaú já tem alguns, embora poucos, benefícios da "vida moderna"